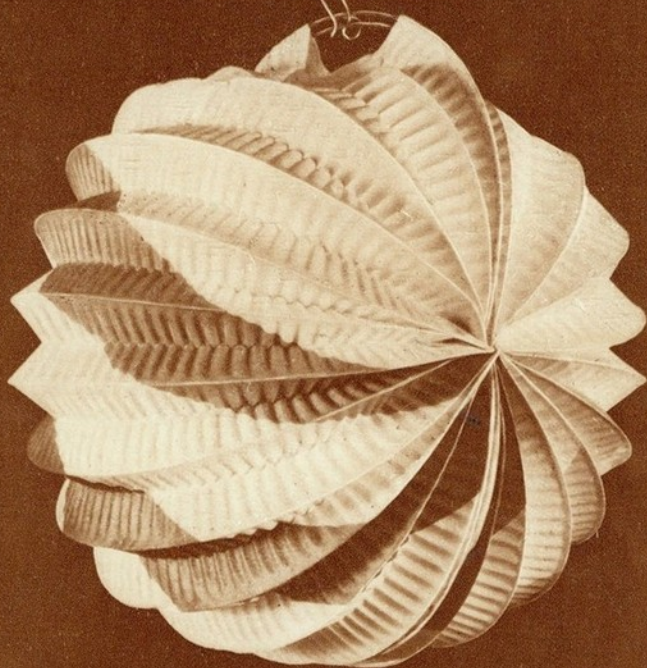
Na escadaria que conduz ao VII Salão de Educação Estética, um filiado oferece gentilmente o jornal da M. P...

Foto: Manuel Moraes

SUMARIO

SÊDE DE SILÊNCIO
SANTO ANTÓNIO
Patrono do Regimento de Lagos
SANTO ANTÓNIO DOS PORTUGUESES EM ROMA
UMA PORTUGUESINHA NO SUSSEX
RAPARIGAS SÈRIAS (IV Vida Familiar)
VII SALÃO DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA
AS PUPILAS DO SENHOR REITOR
JOGOS FLORAIS DE 1943 — Classificação
JOGOS FLORAIS DE 1944 — Condições de Concurso
O LAR (Uma Carta)
TRABALHOS DE MÃOS
PARA LER AO SERÃO
Maria Rita Solteira, Chá de Costura
e Carta às Raparigas
COLABORAÇAO DAS FILIADAS

NUMERO 62 — JUNHO DE 1944

Obra das Mãis pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00

SÊDE DE SILÊNCIO

SOBE cada dia mais e mais o barulho — e, à nossa volta, ninguém saboreia já as delícias do silêncio. São cada vez mais raros os que serão capazes de experimentar hoje em dia tôda a filosofia daquela palavra de Pedro Poyet, cuja biografia corre aí escrita em magnífico volume:

«A minha alma, tôda ela, tem sêde de silêncio.»

Ao contrário, o homem moderno embriaga-se na vida agitada e turbulenta — sempre mais agitada até ao ponto de nos desorientar, mesmo àquêles que ainda lutam pelo equilíbrio e senhorio de si e das coisas que só a solidão e o silêncio conseguem dar.

«Senhor! Senhor! dai-me um pouco de calma! Um pouco de noite, de repouso, de horas só para mim, de regresso a mim mesmo, para pensar em paz».

«Um pouco daquela conversa que dá socêgo, séria, alongada, mas calma ...um pouco de oração de joelhos, a cabeça entre as mãos para meditar sem fim...»

Foi Garric quem nos deixou esta fala de Lyautey, o grande artista do Marrocos francês, glória entre as glórias dos bons cabos de guerra de que a França se orgulha.

Assim falava um dos homens de vida mais movimentada dos nossos tempos.

E a gente lembra S. Bernardo, o campeão da Cruzada, e a grande Santa Tereza, a Doutora mística, fundadora e reformadora de mosteiros — e Santa Catarina de Sena, a mulher política, conselheira de reis e papas...

Lembra-as para reparar como lhes foi possível, e é possível, a aliança e combinação da acção e da contemplação da vida entre negócios e bagatelas do século, guardado o coração sempre em Deus: as mãos no trabalho e o coração no Alto.

* * *

O normaliano de quem falámos há pouco, escreveu também:

«Choca-me a superfície das almas. Para compreender o mundo e Deus, há-de ter-se uma vida espiritual profunda, cultivada na solidão.

A *«superfície das almas...»* eis o pecado mortal do nosso tempo!

Almas superficiais, sem capacidade interior, sem interioridade de espécie alguma;

— visão acanhada, sem poderem abarcar ao longe e fundo os problemas da vida:

— almas ôcas, vidas ôcas sem poder de receptividade: por isso alheias ás outras almas, longe e alheias a tanto drama que se passa á nossa volta.

«Almas superficiais...» triste sinal dos tempos.

«Almas superficiais...» e o mundo cheio delas!...

* * *

Vamos fazer a barreira **contra a superficialidade.**

Uma frente única **contra a superficialidade.**

Contra tôda e qualquer superficialidade.

Mas para o alcançarmos e depressa impõe-se antes de mais nada que se constituam **Zonas de silêncio.**

— para pensar a fundo...

— para meditar a sério...

— para trabalhar com perfeição...

— para rezar...

— para nos encontrarmos mais a nós mesmos...

— para melhor falar ao Senhor...

— para nos realizarmos na paz e no amor...

— para não sermos... **Superficiais...**

G. A.

foto: José Braga de Oliveira Pinto

SANTO ANTONIO

PATRONO DO REGIMENTO DE LAGOS

SERIA longo enumerar os milagres que as crónicas religiosas atribuem ao mais popular santo português. Mas da sua biografia para o caso interessa-nos principalmente a sua «carreira militar», visto ter sido oficial graduado e protector do Regimento de Lagos.

Estávamos quàsi no fim da Guerra da Independência, na brilhante página da história de Portugal, em que após sessenta anos de ocupação filipina, conseguimos sustentar vinte e sete anos de luta contra os exércitos invasores de Castela.

Por certo no decorrer dessa campanha foi invocada a protecção de Santo António e «por efeito de vitórias, alcançadas por sua intercessão» o Santo teve assentamento de praça no 2.° Regimento de Infantaria, «Regimento de Infantaria de Lagos», por alvará de D. Pedro, como regente, em 24 de Janeiro de 1668.

Em 12 de Setembro de 1683 é promovido a capitão, «em atenção aos seus bons serviços, entre êles o de ter posto em fuga um corpo de castelhanos que procurara surpreender um destacamento do seu regimento que marchava de Jeromenha para Olivença». (General Foy — História da Guerra Peninsular).

SANTO ANTÓNIO — Patrono do Regimento de Lagos

Museu regional de Lagos

Nos livros de vencimento de soldos do Regimento de Infantaria de Lagos, veem escriturados os soldos que vencia «O Senhor Santo António Capitão e Protector dêste Regimento», soldo êste que era destinado ao culto.

No reinado de D. Maria I foi apresentada uma proposta para promoção do Santo a major, sendo curioso o atestado passado pelo major dêste Regimento D. Herculos António de Magalhães Homem, o qual pela sua extensão é impossível transcrever nestas pequenas notas, mas que Paulo Rocha copia na integra a fôlhas 149 da sua «Monografia», extraída de o «Portugal na época de D. João V» pág. 136.

Em Janeiro de 1780 foi Santo António graduado em tenente general, continuando porém a receber o soldo de capitão, parece que até 1910. E' curioso que em 1814, por decreto de 26 de Junho, D. João VI estando no Brasil e sem se lembrar da patente que o Santo já possuía, promoveu-o a tenente-coronel de infantaria.

No exército brasileiro foi também o Santo promovido a vários postos e várias vezes condecorado. Na secção de Arte Sacra do pequeno Museu anexo à Igreja, existem a Imagem que a gravura representa e o altar de campanha, que acompanharam o Regimento de Lagos nas Guerras Peninsulares. A Imagem ostenta a banda de oficial tendo na mão direita um bastão de comando.

J. F.

St.º António dos Portugueses em Roma

ST.º António dos Portugueses em Roma é um bocadinho do Portugal na cidade eterna.

A fotografia que publicamos, que nos chegou por particular gentileza da Espôsa do nosso Embaixador junto do Vaticano, Ex.ma Sr.a D. Maria Camila de Carneiro Pacheco, foi tirada em 5.a feira santa nessa nossa igreja nacional.

A renda do altar representa a aparição de N. Senhora de Fátima.

Como vêem, tudo recorda Portugal nesse templo erguido em honra duma das figuras mais gloriosas da nossa Pátria: St.º António de Lisboa.

Mãos portuguesas enfeitaram êste trono de luzes e flores, e é impressionante pensar que essas luzes arderam e essas flores se desfolharam no dia do Grande Amor, na terra onde Cristo, no coração do Papa, sofre nova Paixão por amor de todos aqueles que na guerra se odeiam e matam...

UMA PORTUGUEZINHA NO SUSSEX

Lá fora a chuva caía fininha e apressada, o frio trespassava os ossos e os lampeões, acêsos em pleno dia, punham reflexos estranhos no nevoeiro que envolvia as lamacentas estradas do condado de Sussex.

Recostada no automóvel que a levava através das campinas inglêsas, Quica deligenciava distinguir o que havia para lá do nevoeiro, mas em vão! Enquanto atravessara a pequena cidade vira as altas casas de tijolo avermelhado, depois em pleno campo adivinhara sòmente os vultos das árvores e das sêbes. De vez em quando passava-se uma vilazinha, grupos de casas engraçadas, outras isoladas na campina e mais além o «vicarage» ou passal do pastor anglicano, junto ao cemitério paroquial.

Rodando, veloz, o auto parou de repente em frente de um gracioso «cotage», enquadrado num jardinzito de verdes relvados e belas árvores... Quica despertou do seu sonho, e num misto de curiosidade e receio ouviu o motorista, abrindo a cancela do jardim, dizer: — É aqui!

Sim, era finalmente ali a casa onde viviam as velhas primas inglesas, como ela dizia, a quem o pai a entregara para junto delas completar a sua educação... Durante tôda a viagem, Quica fantasiara a casa, as primas, enfim a doçura da vida inglêsa, o «ideal home» que a mãe tanto exaltava, agora dentro de breves segundos estaria já em plena posse de tantos segredos! O motorista apressava-se a descer-lhe as malas, mas ela não sabia porquê, não se movia, sentia uma impressão estranha a prendê-la...

De repente a porta do elegante «cotage» abriu-se e uma senhora alta de cabelos ainda aloirados e olhos muito azuis surgiu seguida de outra senhora mais idosa de cabeça completamente nevada. Quica adivinhou que ali estavam já as duas primas inglêsas a sorrirem-lhe familiarmente, a falarem-lhe cheias de carinho.

O embaraço da entrada dissipou-se logo e Quica caiu nos braços das duas senhoras; a mais velha tinha os olhos razos de lágrimas e, abraçando Quica, repetia a saudade imensa que tinha dêsse Portugal longinquo que lhe fôra bêrço. Quica era para os oitenta anos da velha prima Henriqueta um bocadinho da terra natal a iluminar aquela tarde brumosa.

Despedido o motorista, as duas senhoras conduziram Quica aos aposentos desta.

Como era diferente do que ela fantasiara aquele quartinho, revestido de alegres cretones e paredes amansardadas; Quica sentiu-se bem logo à primeira e chegou-se à janela...

— Prima quere ver the garden, não? — preguntou Maggy, a mais nova das duas senhoras — mas o nevoeiro não deixar... A'manhã sim... Prima quere descansar ou vir take tea in the sitting room?

— Irei à sala, prima, se me der licença, anseio por conhecer a casa!

— Oh! Indeed! vou mostrar casa depois do chá... do you know the way, sabe o caminho para a sala?...

— Ainda não! mas lá irei ter!...

— Eu virei cá buscá-la... deixo prima à vontade e vou ajudar a mãe nos preparativos para o chá — e Maggy dirigiu-se para a porta.

Quica ficou só, ràpidamente mudou de fato, e depois de pronta não pôde resistir à tentação de chegar à janela, dizendo: Logo à noite inspeccionarei melhor o quarto, à primeira vista é delicioso êste quartinho... e que encanto lhe dá o lume aceso no fogão... quantas vezes virei sonhar junto desta chama tão brilhante!

Com grande surpreza dela o nevoeiro dissipara-se um pouco e ela pôde ver o jardim e espalhados na campina mais cotages, semelhantes ao das primas, encerrados em pitorescos jardinzitos. Perto ficava o «vicarage» e atrás dêle o cemitério. Quica sentiu um arrepio com esta visinhança...

— Então prima está pronta? — ouviu-se dizer à porta a voz da tia Henriqueta — Posso entrar?

— Entre sim!... já estou pronta como vê... divertia-me a espreitar pela janela.

— Tem uma bela vista! Olhe, àlém no cemitério aquela pedra branca marca a sepultura do meu filho! Vejo-a também da janela do meu quarto e da sala... estou a vê la dia e noite! Por enquanto não o posso ver — suspirou ela — mas estou certa que lá do céu êle nos está a ver continuamente! Era um belo rapaz que deixou tantas saudades... rematou, enxugando uma lágrima.

Quica não pôde ficar insensível ante aquela dôr de tantos anos e pegou-lhe na mão com doçura... A prima Henriqueta comoveu-se e, chegando Quica a si, abraçou-a dizendo: — Benvinda sejas, minha filha! que alegria tenho em te ter junto de mim... ao olhar-te, julgo ver a nossa terra distante, as suas lagôas tão lindas e a serra de Água de Pau recortada no azul do céu...

As divagações da velha prima foram cortadas pela chegada de três buliçosas raparigas, tôdas netas da velha senhora, que vinham dar as boas vindas a Quica.

A prima Henriqueta fez as apresentações e depois tôdas, em franca camaradagem, desceram até à sala onde as esperava um chá delicioso, acompanhado de saborosos bolos.

Na sala esperavam também a prima portuguezinha os dois netos da prima Henriqueta: James e David... Quica estava encantada com tudo e todos que a rodeavam... simpatisava imenso com a prima Henriqueta que lhe falava de Portugal, cheia de saudade, com Maggy, bondosa e decidida, e com os primos que a disputavam uns aos outros.

— Quais são as impressões de Londres? — preguntou James.

— Uma bela cidade de grandeza quási esmagadora, mas imensamente triste sob o nevoeiro...

— Eu sei... — comentou David, que era muito brincalhão. — A Quica ficou esmagada ao comparar Londres com a sua cidadezinha natal... Londres é o colosso, o gigante, a Ponta Delgada o pigmeu!

— Nem se podem comparar as duas cidades! disse Thyra, desdenhosa.

— Bem sei... — respondeu Quica, corando — mas gosto imenso da minha cidadezinha pequena e insignificante, comparada à vossa capital...

— Portugal e a Inglaterra... assobiou David.

— Seja! — Quica sentia o sangue subir-lhe às faces, todo o encanto da chegada estava sendo quási varrido com esta triste discussão se Maggy não chegasse, e, serena, não intervisse, a conciliar os ânimos: — Então, meninos, que idéia é essa de discutirem sentimentos tão sagrados a cada qual! Amesquinhar o país seja êle qual fôr é indicio de má educação, Thyra e David.

Os dois interpelados coraram à admoestação da tia — Olhem, continuou esta, eu propunha que esquecessem esta misera questão e fôssem todos alegremente jogar uma partida de «ping-pong».

— Apoiado! — gritaram várias vozes a um tempo e logo alguns foram indo para a porta.

— Tu jogas Quica? — preguntou Maggy.

— Um pouco!

— Pois bem! Vão indo para o sótão que eu lá irei ter dentro em pouco... tenho de ainda ir ao «vicarage» levar umas roupas para os pobres...

— Eu acompanho a tia... — disse Bette que era muito boazinha.

— Não, é melhor ficares com a Quica! disse-lhe a tia.

Num momento aquela dúzia de pernas galgou a escada alegremente com o espanto e inveja da boa prima Henriqueta e depois no sótão iniciou-se no meio da maior alegria um violento torneio de «ping-pong». David que duvidara da ciência de Evelina considerou-se vencido vendo a destreza com que esta jogava, e no fim do torneio a portuguezinha foi proclamada vencedora de todos os «matchs»...

As primas olhavam com admiração a pequena Quica que satisfeitissima contava a prima Henriqueta os seus triunfos.

— Vêem vocês... — disse esta, olhando os netos com malicia... — como um pequeno país soube vencer um grande e notável embora fôsse num simples torneio de «ping-pong».

(Continua) — *Maria Evelina*

RAPARIGAS SÉRIAS

IV—VIDA FAMILIAR

UMA rapariga séria é ainda aquela que faz do lar o centro da sua vida e dá à família o primeiro lugar nas suas afeições e cuidados.

No nosso tempo há a tendência para as raparigas se desinteressarem da casa e se desprenderem da família.

A maior parte do dia passa-se na rua, e, quando se está em casa, andam desencontrados uns com os outros; não sendo às refeições, quási que não existe convívio familiar.

As raparigas frívolas abusam das condições da vida moderna que lhes dá liberdade de sairem a tôdas as horas e criam hábitos fora do lar que dêle a afastam cada vez mais.

Uma rapariga séria deve ter amor pela casa. Não se aborrece de permanecer nela. E para que a casa lhe dê aquêle aconchêgo que prende, gosta de cuidar pessoalmente do seu arranjo, do seu embelezamento e confôrto.

Experimenta arrumar o teu quarto, tomar ao teu cuidado o arranjo das flores, dar os últimos retoques na mesa antes da refeição, dispôr com um jeito novo os objectos das salas, cozinhar tu mesmo um prato especial para o jantar — e verás como o teu amor pela casa irá crescendo!

Uma rapariga séria não se julga humilhada ou infeliz com uma vassoura na mão.

Os trabalhos caseiros na sua utilidade merecem-lhe todo o aprêço.

Uma rapariga frívola, preocupada com as suas unhas exageradamente pintadas e a pele fina das suas mãos ociosas, como poderá ocupar-se dos serviços domésticos?

Não só não trabalha para os outros como precisa que a sirvam.

Uma rapariga séria tem como norma evitar sobrecarregar os outros com serviços que ela própria pode fazer e sente alegria em ser prestável.

Principalmente aos domingos, gosta de ajudar as criadas para que estas fiquem com o dia mais aliviado e livre.

Se há visitas, um jantar de festa, mais movimento na casa, a mãe pode descansar na sua actividade.

Se há uma doença, um contratempo, uma complicação qualquer, pode-se contar com ela. Sabe ser útil.

Nessas ocasiões, as raparigas que não sabem encarar a vida a sério, lamentam-se e choram! E não são apenas inúteis, são um tropêço na sua inutilidade!

Tu, procura preparar-te para a vida. E na vida existem mais horas que pedem trabalho e dedicação do que horas em que se dança e flirta!

Aprende a limpar e a arrumar, a coser e a passar a ferro, e considera isto tudo não uma massada mas um ideal de utilidade e bondade.

Completa ainda a tua educação com conhecimentos de higiene e de enfermagem, e quando tiveres a infelicidade de ter alguém doente, terás ao menos a consolação de o saber tratar, de lhe minorar os sofrimentos e contribuir para o seu restabelecimento.

foto: Martinez Pozal

E assim as horas de provação que estragam a vida às raparigas frívolas, serão para ti horas dolorosas, sem dúvida, mas ocasiões de valorizares a tua vida e de te tornares agradável aos olhos de Deus e daquêles que amas.

E tu amas muito os teus pais, não é verdade?

Uma rapariga séria — comecei logo por te dizer — tem um grande coração e a família ocupa nêle o primeiro lugar.

Uma rapariga séria ama os pais com ternura e guarda-lhes também aquêle respeito sem o qual o seu amor não seria verdadeiro.

Há certas raparigas que são para os pais duma frieza desconsoladora; outras têm para êles muitos beijos e abraços, é verdade... Mas para a maioria «o respeito está em crise», como descreveu alguém.

Não consultam os pais nem lhes obedecem; julgando-se superiores, doutra época e doutra mentalidade, consideram-se até capazes de dirigirem os pais, e não de serem orientadas por êles!...

Uma rapariga séria deixa-se guiar dòcilmente pelos pais, compreende que a graça de estado e a experiência da vida e da idade dão aos pais uma superioridade que excede o saber e a inteligência dos filhos, por mais bem dotados que estes sejam.

Uma rapariga séria vê na autoridade dos pais a autoridade de Deus e nunca procura libertar-se duma sujeição amorosa que é o seu melhor amparo na vida.

Uma rapariga frívola julga a família «bagagem inútil»; uma rapariga séria traz a família no próprio coração e considera-a seu mais precioso tesouro.

Coccinelle

VII SALÃO
de Educação Estética

Mais um «Salão». Novos trabalhos chegados de todos os pontos do país. Uns mais valiosos e artísticos, outros mais simples e modestos, mas todos revelando boa orientação das Dirigentes e boa vontade das filiadas.

Um caso, entre muitos. No Centro n.º 1 de Faro, Liceu João de Deus, a professora de lavores, por motivo de fôrça maior, não poude acompanhar a execução do trabalho que se destinava ao «Salão». As filiadas não desanimaram, e, sòzinhas, lançaram mãos à obra. Turnos sucessivos, aproveitando todos os momentos livres, com tenacidade e entusiasmo, fizeram o trabalho.

Não é verdade, que embora nem tudo seja perfeito nos salões de estética, pode existir *beleza* que se não vê?

E na «Mocidade» é a beleza interior — a vontade, o amor do trabalho, o gôsto pelo lar, etc. — que especialmente se procura despertar. E' êste o fim mais alto dos Salões de Educação Estética.

De resto, não faltaram trabalhos bonitos e bem feitos na Exposição.

Por ainda não estarem classificados os trabalhos literários, só no próximo número publicaremos a lista completa dos prémios conferidos no VII Salão.

fotos Manuel Moraes

As Pupilas do Senhor Reitor

Coração de madre-pérola oferecido por Júlio Diniz a D. Ana Simões

As raparigas de agora, leitoras assíduas de Maryan, Marc Veusit, Delly, etc., muitos e variados romances das bibliotecas «côr-de-rosa» da mocidade moderna, desprezam certas leituras que é pena ficarem de lado porque teem inegàvelmente muito mais interêsse do que aquelas a que dão a sua preferência.

Romances mais bem escritos do que as más traduções e até fracos originais dos livros estrangeiros que se acumulam nas suas estantes.

Romances em que as personagens são mais verdadeiras e as cênas mais reais.

Romances portugueses em que vibra a alma portuguesa e cujo cenário é a nossa própria terra.

Romances que não passam, que não envelhecem, embora tenham sido editados há muitos anos, porque copiados do natural teem sempre com êles a verdade e a emoção dos sentimentos humanos.

Romances, que embora coloridos pela imaginação, não transtornam tanto a visão das realidades como outros que parecem mais realistas.

Estão, nêste caso, por exemplo, as *Pupilas do Senhor Reitor* de Júlio Diniz.

Como quàsi tôda a gente sabe — digo-o para alguém que ainda o ignore — *Júlio Diniz* é o pseudónimo do Dr. Joaquim Guilherme Gomes Coelho, médico, natural do Pôrto, nascido em 1839 e falecido em 1871, por conseguinte apenas com 32 anos de idade.

Apesar da sua vida ter sido curta, Júlio Diniz deixou uma obra literária bastante vasta e umas das mais populares na literatura portuguesa: àlém das *Pupilas do Senhor Reitor*, a *Morgadinha dos Canaviais*, *Uma familia inglêsa*, *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, os *Serões da Provincia* e um livro de poesias.

Todos são conhecidos e mereceriam uma referência especial. Falemos hoje um pouco das *Pupilas do Senhor Reitor*.

As *Pupilas* foram escritas em Ovar, e como o prova o Dr. Egas Moniz no seu livro «Júlio Diniz e a sua obra», a maioria das figuras dêste romance existiram.

Existiu o *médico*, que êle denominou *João Semana*; existiu o *Padre* de que êle fez a figura simpática e enternecedora do *Senhor Reitor*; existiu o *merceeiro* que passou para o livro com o nome de *João da Esquina*; existiu *Daniel*, o jóvem médico, que não é outro senão o próprio autor; existiram a *Guida* e *Clara*, filhas de Tomé Simões, irmãs na vida e irmãs no romance; existiram *Pedro* e *José das Dornas* fàcilmente identificados entre os habitantes de Ovar daquela época.

E assim como os personagens mais importantes do livro foram todos trasladados da vida para o romance, embora o enredo tivesse sido criado pela imaginação do autor, as suas cênas são também quadros fiéis da vida da aldeia onde o livro foi escrito. Do mesmo modo a païsagem foi copiada do natural.

O rio, o cruzeiro, a ermida, a desfolhada, a feira, as lavadeiras, todos os usos e costumes descritos no romance, tinha-os Júlio Diniz debaixo dos olhos.

Porisso o livro ficou palpitante de vida e 70 anos não lhe feneceram a graça.

Alguém chamou às cenas das *Pupilas* «admiráveis aguarelas cheias de vida e de côr».

Essas «admiráveis aguarelas» foram magistralmente reproduzidas por um grande artista — Roque Gameiro — que ilustrou a edição de luxo das *Pupilas*. O trabalho do ilustrador foi digno do trabalho do escritor.

Enriquecido ainda pelo relêvo que lhe deram as aguarelas de Roque Gameiro, êste romance de Júlio Diniz leva-nos a fazer uma viagem maravilhosa através duma das nossas mais belas provincias, faz-nos entrar na intimidade dos seus costumes e familiariza-nos com os seus habitantes.

A *Guida* do romance, a pequena pastora que logo nas primeiras páginas nos aparece tão graciosa,

> «Morena, morena
> De olhas castanhos
> Quem te deu morena
> Encantos tamanhos»?

representa Ana Simões, amada por Júlio Diniz. Dois romances diferentes, mas um idêntico sentimento a animá-los: o amor.

Lêmos no livro do Dr. Egas Moniz já citado, que D. Ana Simões, que só casou depois de ter perdido tôda a esperança de casar com o Dr. Gomes Coelho, guardou até ao fim da vida as cartas que na mocidade lhe escreveu o autor das *Pupilas*. Ao sentir-se morrer, chamou uma das filhas e mandou-lhas queimar — o que ela fez.

Só ficou dêsse romance de amor uma lembrança: o «coração» de madre-pérola de que damos a fotografia; «coração de que a legenda «Venceste meu coração com subtil arte de amor», nos permite adivinhar o que essas cartas destruidas diriam...

D. Ana Simões morreu... Mas *Guida* continua a viver! E na figura criada por aquêle que a amou, parece-nos que a sua alma ainda palpita... Imortalizou-a aquêle que não soube fazê-la feliz.

E olhamos com mais ternura para «a pequena zagala» com a roca abandonada a aprender a lêr com Daniel, que lhe ensina também a amar...

E ouvimo-la ainda cantar o romance da *Cabreira*

> «Andava a pobre cabreira
> O seu rebanho a guardar,
> Desde que rompia o dia
> Até a noite fechar»...

— Assim como tu! — diz-lhe Daniel.

E as cenas sucedem-se encantadoras...

Maria Joana Mendes Leal

JOGOS FLORAIS DE / 1943

CLASSIFICAÇÃO

JÚRI DOS "JOGOS FLORAIS"

Dr.ª D. Domitila de Carvalho
D. Mafalda de Castro Vaz Pinto
Rev.º Padre Moreira das Neves

CONTO

Classificação	Concorrente	Pseudónimo / Escola
1.º Prémio (Violeta de Oiro) «Doente»	M.ª Idália Gomes Correia Centro 20	(Ninguém) Esc. João de Barros — Lisboa
1.º Prémio «Rumores da serra»	M.ª Ana Fernandes Almendra Centro 1	(Serrana) Liceu Maria Amália — Lisboa
Menção Honrosa «Conflito num armário»	Celeste Morgado Centro 3	(Pastora dos Herminios) Liceu Pedro Nunes — Lisboa
Menção Honrosa «Fuga»	M.ª Eugénia de Sá Coutinho Centro 11	(Garrana do Monte) Colégio Moderno — Pôrto

NARRATIVA HISTÓRICA

Classificação	Concorrente	Pseudónimo / Escola
2.º Prémio «O 2.º Cêrco de Diu»	M.ª Helena dos Santos Pinto Centro 1	(Maria Stella) Liceu Maria Amália — Lisboa

POESIA NACIONALISTA

Classificação	Concorrente	Pseudónimo / Escola
2.º Prémio «O Mar»	Graciette A. Nogueira Centro 16	(Caloirita) Universidade — Coimbra

POESIA LÍRICA

Classificação	Concorrente	Pseudónimo / Escola
2.º Prémio «Serrano»	M.ª Adelaide Pinto Mourão Centro 83	(Alma de Poeta) Colégio Garrett — Lisboa
2.º Prémio «Subindo»	Alice da C. Carvalho Centro 1	(Alicita) Intit.º Odivelas — Loures
Menção Honrosa «À uma de nós que já partiu»	Ermelinda dos Santos Rivotti Centro 1	(Saúdade) Liceu Maria Amália — Lisboa
Menção Honrosa «Ao Partir»	Cândida Brandão Estrêla Centro 1	(Candidior candidis) Lic. Carolina Mic. — Pôrto
Menção Honrosa «Saúdades da minha terra»	Dulce de A. Rebelo Centro 17	(Non Omnia Possumus Omnes) Liceu D. João III — Coimbra

QUADRA

Classificação	Concorrente	Pseudónimo / Escola
1.º Prémio «Não caminhes arrastando»	Hortense da Conceição César Centro 65	(Semper) Universidade — Lisboa

POESIA RELIGIOSA

Classificação	Concorrente	Pseudónimo / Escola
1.º Prémio «Poder supremo»	Maria Ester G. de Lemos Centro 3	(Sentir para escrever) Casa Tr. N. S.ª de Fátima — Sintra
Menção Honrosa «N.ª S.ª da Paz»	M.ª Felisbela T. Damásio Centro 8	(Mimibela) Col.º Jesus Maria José — Lisboa

TEATRO

Classificação	Concorrente	Pseudónimo / Escola
2.º Prémio «Nem 8... nem 80»	Celeste Morgado Centro 3	(Pastora dos Herminios) Liceu Pedro Nunes — Lisboa
Menção Honrosa «Ressurreição»	M.ª do Carmo P. L. Monteiro Centro 2	(Rosa Feia) Es. In. A. A. de Aguiar — Funchal

JOGOS FLORAIS DE / 1944

CONDIÇÕES DO CONCURSO

1.ª — São admitidas ao Concurso tôdas as filiadas com produções originais.

2.ª — Estão incluídos os seguintes géneros:

A) *Em verso* — a) Poesia Nacionalista; b) Poesia lírica; c) Quadra popular; d) Poesia infantil; e) Poesia religiosa.

B) *Em prosa* — a) Narrativa histórica; b) Conto.

C) *Peça teatral* em um acto.

3.ª — Os trabalhos devem ser enviados à Direcção dos Serviços Culturais da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, 8, Lisboa, até ao dia 10 de Outubro.

4.ª — Todos os trabalhos serão subscritos com um pseudónimo. O verdadeiro nome da filiada com indicação do Centro, Ala e Província, será indicado num envelope lacrado, em cuja parte exterior figurará o pseudónimo.

5.ª — De cada produção serão enviados um original e quatro cópias.

6.ª — As produções em verso não excederão três páginas dactilografadas, entrelinhadas a dois espaços.

7.ª — As produções em prosa não excederão seis páginas dactilografadas, entrelinhadas a dois espaços.

8.ª — Serão apenas abertos os subrescritos lacrados, correspondentes aos trabalhos que obtenham classificação, e êsses mesmos pela Comissária Nacional, em presença dos outros membros do Comissariado, que para êsse efeito os receberá do júri classificador, devidamente classificados e rubricados por todos os membros do júri.

9.ª — Realizar-se-á no dia 1.º de Dezembro uma festa, na qual serão lidos os trabalhos classificados e conferidos os respectivos prémios.

10.ª — As concorrentes classificadas farão a leitura das suas produções perante o público, a não ser que prefiram que essa leitura seja feita pela leitora oficial do certame.

Os trabalhos em prosa só serão lidos, no todo ou em parte, se o júri assim o determinar. A peça teatral, que obtiver o primeiro prémio, será representada na festa a que se alude no número anterior, se o Comissariado assim o entender.

11.ª — As duas primeiras produções classificadas, em cada género, serão premiadas com um livro de autor português de categoria.

12.ª — Além dêstes prémios haverá menções honrosas em número nunca superior a um terço do total das concorrentes

13.ª — A produção a que o júri, por unanimidade, reconhecer superioridade absoluta de mérito, será premiada com uma rosa natural e a quantia de 500$00.

14.ª — Não havendo trabalhos que o justifiquem, não serão dados os prémios da respectiva categoria.

15.ª — Tôdas as produções deverão estar de acôrdo com os princípios morais e directrizes educativas da Organização.

Ana Rita de Castro (Nova Góa) e o filho do dr. Nunes Mexia na Exposição Ovina realizada em Lisboa no princípio de Maio-1944

Querida Teresa

LISBOA teve ensejo de ver, há pouco, uma exposição muito interessante, organizada pela Associação Central da Agricultura. Foi ela de ovelhas e das indústrias suas derivadas. Nem só aos agricultores interessou pois que a todos interessa de onde vêem as boas fazendas de lã, os novelos de que fazemos as nossas malhas, o recheio dos colchões fôfos. os tapetes e os queijos saborosos. — "Bem, podes dizer, já todas vimos ovelhas e sabemos de onde vêm os patos de lã..." Mas não é certo. Há variedades de ovelhas que *com certeza* nunca te foi dado contemplar e há centenas de factos sôbre elas que ignoras totalmente. Eu, em todo o caso ignorava-as apesar de todos os anos apertar nos meus braços os lindos cordeirinhos do nosso rebanho. Tão lindinhos, tão enternecedores apesar da sua lã ser "churra". Sim "churra" pouco fina, nada como os cordeiros "merinos" que são então o cúmulo do engraçado.

Tão fofinhos, que parecem mais um novelo do que um bichinho! Sabes que os "Merinos„ que dão a lã melhor que existe são originários de Espanha? Dizem que essa raça veio provàvelmente para a Península trazida pelos árabes, mas não se pode saber ao certo. Tem sido muito aperfeiçoada na "Bergerie National de Rambouillet" e há tanto tempo que estão fazendo essa selecção que os franceses já se esqueceram que não são uma glória sua.

Em França existem quatro escolas de Pastores, inteiramente de graça, nas quatro regiões mais próprias para a criação dêsse gado. O curso dura um ano. Um pastor "moderno" não se pode limitar em levar, contemplativamente, o seu rebanho dum lado para o outro. Tem que saber diagnosticar as doenças, para chamar o veterinário a tempo de evitar que todo o rebanho fique contagiado. Ajuda, dando injecções e fazendo vacinas. Tem que conhecer a qualidade das pastagens e de conservar, sobretudo, a pureza da raça dos suas ovelhas. Ensinam-lhes a ter um livro onde inscrevem o "pedegree", ou seja, a ascendência "nobre„ dos seus carneiros. Todo o rebanho que *se presa* tem pergaminhos! Imagina que só agora o soube... Os Espanhóis que vieram expôr traziam ovelhas de "cabañas" históricas; tais como a dum fidalgo conhecido, que apresentava os descendentes directos do rebanho fundado por Cristóvão Colombo! Êsse rebanho já tem agora 14.000 cabeças. Outro titular do país vizinho trouxe as suas "transhumantes„. Sabes o que são? São ovelhas que comem sempre erva verde, e que para isso têm que ir mudando de região. Vão do sul ao norte do país. Como já não podem, como nos antigos tempos, ir comendo pelas bermas das estradas (porque são 12.000 e dariam cabo de tudo) têm que ser transportadas de Cáceres para os Pirinéus em sete combóios de mercadorias, com os seus 150 pastores e roupeiros e oitenta cães.

Em Inglaterra, na Alemanha, na Austrália e noutros países, a criação dêste gado tem atingido grandes proporções, não só para dar lã, como também para carne e leite.

A província espanhola da Mancha (do D. Quichote) tem quási como único recurso os seus rebanhos de ovelhas, estranhas, altas de pernas e pescoço, com pouca lã e de má qualidade, mas dando tanto leite, que compensam assim, em queijos, as suas outras deficiências.

Ainda tinha tanta coisa para te dizer sôbre êste assunto, mas como sabes, a censura para a tua ilha não gosta de ler mais do que duas páginas, por isso só te vou fazer umas preguntas. Lembras-te da importância que os pastores sempre tiveram, na História Antiga, mesmo depois dos tempos pastoris?

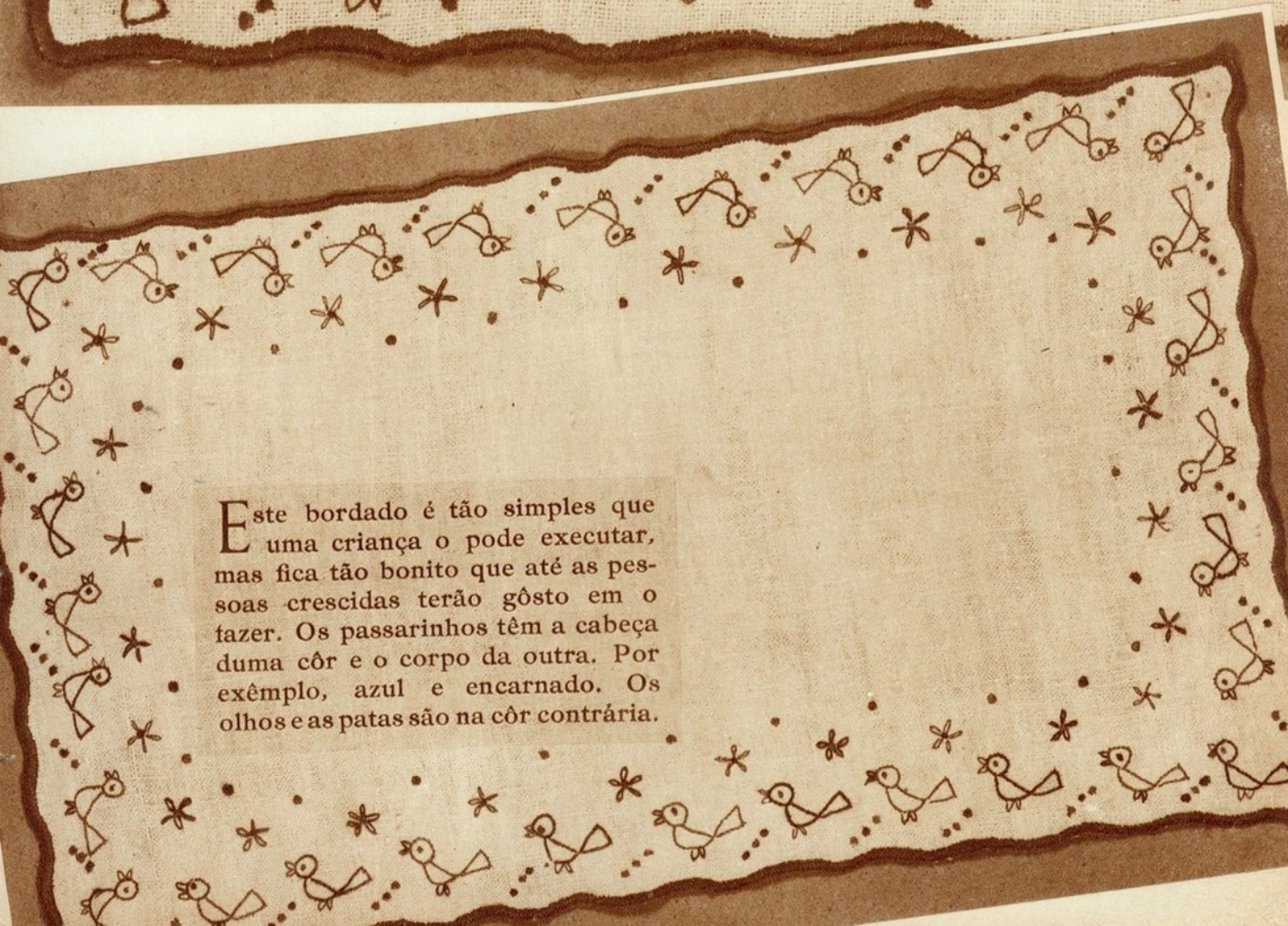
Não estás a ver baixos relevos gregos e até alguns Egípcios e Assírios em que um carneiro é conduzido a um altar para ser imolado? E na Bíblia o sacrifício de Abraham... e tantas outras imagens. E para nós, cristãos, tôdas as parábolas e exemplos em que o Nosso Salvador se dá como nosso Pastor. E a Sua imagem, tão conhecida, do Cordeiro de Deus, imolado pelos pecados dos homens? Não achas extraordinário que através de séculos e séculos sejam sempre as ovelhas que dêem, com os seus cordeirinhos e os seus pastores, as imagens mais suaves, ternas e puras, que a humanidade tem conseguido inventar?

Deve haver, de facto, nessa raça que Deus nos deu a guardar, um símbolo e uma virtude. Gosto de pensar que ainda nesta época de pressas, crueldade e orgulho no poder da máquina, temos de depender para nos vestirmos aconchegadamente de rebanhos pacíficos que, em tempos tão democráticos, ainda têm pergaminhos!!!

Prima muito amiga

FRANCISCA D'ASSIS

Rebanho de ovelhas na quinta do Carvalhal Capinha (Beira-Baixa)

Trabalhos de Mãos

Este bordado é tão simples que uma criança o pode executar, mas fica tão bonito que até as pessoas crescidas terão gôsto em o fazer. Os passarinhos têm a cabeça duma côr e o corpo da outra. Por exêmplo, azul e encarnado. Os olhos e as patas são na côr contrária.

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

MARIA RITA SOLTEIRA

(à minha Amiga Maria Joana Mendes Leal)

QUÁSI tôdas as raparigas detestam lêr «Diários», bem sei: e eu sou uma delas. Mas é tão bom escrever o que pensamos, o que fazemos, o que sonhamos... Afinal, é uma espécie de convívio agradável: por isso me decidi a escrever, de vez em quando, o meu diário, na esperança de interessar outras raparigas da minha idade.

Tenho só 17 anos: que pena! Gostava de ter, pelo menos, 19 ou 20; assim, ninguém me liga nenhuma... Sou bastante espevitada, reconheço isso; sã como um pêro e, embora não me ache linda, de feia não tenho nada: ainda bem!

Quando me vou confessar, digo sempre ao Sr. Padre Joaquim que sou presumida; e é a pura verdade... Devia corrigir-me, bem sei; mas, por ora, não sou superior a isso. Gosto, confesso, de me vêr ao espelho! E reconheço que os meus olhos, (quási pretos como carvões) têm brilho. E que o meu cabêlo castanho, todo ondeado naturalmente, é bonito a valer. Mas o nariz, aí o nariz! Tal qual, com pena o digo, uma batata nova! Se eu conseguisse afinal-o... Mas é impossível. O resto passa: há peor e há melhor. Da figura não digo nada: pois se ainda êste verão desatei a crescer e a engordar! Receio muito vir a ser um gigante, o que não é nada chic: e sei que os rapazes embirram em dançar com tamanhões maiores que êles; sentem-se vexados!

O Pai e a Mãe adoram-se, positivamente; mas não adoram menos o rancho que nós somos: o Gonçalo (está na cabeça do rol), eu, a Luizinha, que acaba de fazer trêze anos, e os outros três manos (mexilhões, turbulentos e muitas vezes impertinentes) Manuel, Alexandre e Nuno. O Nuno é o meu predilecto e tem só 10 anos, coitadito.

Ontem, ao jantar, armou-se uma discussão medonha por causa das horas de certas lições. Se não fôsse o Pai mandar calar tudo, não sei como acabaria. Devo dizer que o Alexandre esteve INSUPORTÁVEL!

— Porque razão é que todos hão-de sujeitar-se a S. EX.ª a MENINA? ! — (a «menina» era eu) — Ela que se sujeite a nós, que temos lições mais importantes! — Eu estava fula! E não respondi com doçura, isso não. Mas vi a cara da Mademoiselle Sixte tão aflicta, que acabei por declarar, com dignidade:

— Você é pura e simplesmente idiota! —

Quando me fui deitar e a Mãe veiu dar-me um beijo (como faz sempre) senti que o seu olhar era descontente...

Cheia de remorsos (embora convencida que tinha razão) beijei-a com fôrça e perguntei-lhe:

— A Mãe está zangada comigo?

— Não estou zangada, filha, estou desconsolada...

— Bem sei que fui um pouco impertinente, Mãesinha, mas olhe que o Xana está deveras insuportável!

— E na tua consciência, Maria Rita, achas que andaste bem?

Eu baixei um pouco a cabeça e respondi:

— Sei que fui brusca, Mãe, mas o Xana...

— Minha filha, pareces-me muito indulgente comtigo mesma... — tornou a Mãe.

— Oh Mãe, então o Xana... — A Mãe nem me deixou continuar. Beijou-me com meiguice e disse-me:

— Vê se te tornas mais paciente e... senhoril! — acrescentou com um sorriso bom. Senhoril... pensei eu, depois da Mãe sair. Estou a lembrar-me da nossa velha Miss Janet, que costumava dizer ao Gonçalo quando êle andada mal:

— Oh Gonçalo, remember you are a gentleman!

E o «gentleman», apezar de ter só sete anos nessa época, tomava logo uma atitude cheia de dignidade.

Dizer que adoro estudar será mentir. Que bom que era se se pudesse ficar instruída de repente, sem trabalho! Quando eu era pequena, lembro-me que a minha maior aspiração era que houvesse «varinhas de condão»! Porque, no fundo, eu talvez não seja o que se chama «uma mandriona», visto que QUERO ser instruída: mas detesto ter de decorar, de obrigar o espírito a enfronhar-se nos livros aborrecidos, pesados... Também não sou ignorante como certas meninas que há para aí, que da História de Portugal só conhecem a primeira dinastia e a Descoberta do caminho para a Índia! Em todo o caso irritam-me, ao máximo, certas patétas do Liceu, que se julgam uns AZES, e que falam com ares de superioridade, (como se fossem capazes de dirigir o mundo) dos seus estudos de algebra e matemática. Saberão elas coser meias? Fazer arroz de leite? Talhar um cueiro?

A Mãe é que organizou as horas dos meus dias, de acôrdo com a Mademoiselle Sixte, que a-pesar de velhota é uma pessoa de alto valor.

E é ela que me acorda tôdas as manhãs, quando o relógio do escritório dá as 8 horas.

— Ritá! Ma petite Ritá! — *Eu bem a oiço... Mas como odeio levantar-me cêdo, deixo-me ficar, muito calada, naquela moléza...*

Hoje estou radiante: veiu o convite para o casamento da Miguinhas! Vou vêr se a Mãe me deixa fazer um vestido novo, ou se tenho de ir com o do ano passado, que já todos viram e tornaram a vêr... Não digo que êle esteja velho, ou fóra de moda, isso não. Mas é triste andar sempre vestida da mesma maneira! Chega a tirar-me o gosto d' ir a certas festas!

A Juca, minha prima co-irmã, diz que não compeende êsse meu sentimento: pudéra! ela detesta festas, bailes, cinemas! Só gosta de fazer catechese, de visitar pobres (o que eu detesto), e outras coisas parecidas.

Quando estava hontem a escrever o meu diário ouvi a voz do Manuel na escada: — Mirri! Oh Mirri!

— Não posso lá ir! — gritei cá de cima.

— O peor é para ti! — O que será? pensei eu... A curiosidade venceu a pena de interromper a prosa. Desci a escada em dois pinotes, e cheguei ao pé dos três manos mais velhos, reünidos em concilio no patamar.

— Se calhar ela não quer... — declarou o Gonçalo, com ar enjoado.

— E é o mais certo — concluiu o Alexandre.

— Trata-se de conseguir do Pai que nos deixe ir todos a uma jantarada na Outra Banda, com os Britos, os Silveiras, outros rapazes... —

— Não deixa, com certêza — cortei eu logo.

— Não explicaste bem, Manuel — disse o Gonçalo — Vai a mãe Silveira, a Isabel Cunha, a Miss dos Britos ... são jarrões a dar como um pâu!

— E olha que não faltará o teu adorado José João! — declarou o Xana com ares trocistas que me indignaram (o José João é um dos Britos, e foi sempre o meu predilecto entre os amigos dos manos).

— Ainda bem que êle vai — respondi, em ar de desafio — E onde é essa jantarada, no caso do Pai deixar?

— Um programa bestial — tornou o Xana — Adivinha!

— Não podemos ficar aqui à espera que a Mirri adivinhe — disse o Manuel.

— Já sei! — gritei eu — Vamos de barco até Sacavém...

— Nada disso — respondeu o Gonçalo — O nosso projecto é ir ver o nascer do sol à Arrabida; depois...

— Que ideia horrível! — gritei eu.

— Deve ser formidável! — exclamou o Xana.

— Estupendo! — concordou o Gonçalo.

Mas eu, que detesto madrugar, abanei a cabeça. E tornei:

— Então a jantarada começa ao nascer do sol?!

— Parece que êsse belo projecto não agradou aos «jarrões» — disse o Manuel, enjoado.

— Outro projecto é sair no vapor das nove, almoçar na Quinta dos Britos, e ir tomar chá ao Casal das Rôlas, no Alfete. — (o Casal é a Quinta dos Silveiras).

— Parece-me muito melhor êsse projecto — respondi — Mas quero ainda mais esclarecimentos.

— Tanta pergunta! Tanta bisbilhotice! — gritou o Xana, furioso.

— Se você quer que EU peça ao Pai, tenho de saber bem o que hei-de pedir.

O Gonçalo, achando prudente a minha aliança, explicou:

— Olha, Mirri, tens de conseguir da Paternidade que nos deixe, simplesmente, ir jantar à Quinta dos Silveiras no Alfeite e voltar... no vapor das onze.

— Isso não deixa o Pai com certeza, mas lá vou. — E fui, muito lampeira, bater à porta do escritório.

Direi já que NINGUÉM tem um pai como eu! Primeiro que tudo... adora-me: e isto é já importante. Mas além de tudo mais é um homem de um valor COLOSSAL! e vêm milhentas pessoas consultal-o: é o maior advogado de Portugal.

Quando entrei no escritório (depois de pedir licença, já se vê), o Pai beijou-me e perguntou:

— Então que temos, Maria Rita?
— Um pedido!
— Desembucha, minha filha!
— A malta quer pandega, Paisinho!
— Como linguagem... a mensageira deixa a desejar.
(*Fiz uma certa bôca d'amuo que costuma fazer rir o Pai*).
— Almôço na Arrabida, jantarada nos Silveiras, volta no vapor da noite, etc.
Mas o Pai cortou logo, com ar sério.
— Pensem noutra coisa, meninos.
— E se o programa fôsse mais simples?
— Bem, filhinha, pede à Mãe para cá vir — concluiu o Pai: e eu sabia que a causa estava ganha pela «malta».
Daí a dias realizou-se o tal passeio: nunca poderei esquecer um dia tão delicioso! Na linguagem do Xana diria que foi BESTIAL! e na da maior parte das minhas amigas: ESTUPENDO e FORMIDÁVEL!
Atravessámos o Tejo de manhã cedo, depois do almôço engulido a galope. Que caravana se juntou no cais! Nós todos, já se vê, menos a Mãe, que nos entregou aos manos OSTENSIVAMENTE: mas segredou à Matilde (que foi minha ama e estava encarregada de levar a merenda final) «que olhasse pelas meninas»... A Matilde como guarda é um autêntico «bull dog»!
Iam Britos, Silveiras, Cunhas, e uns rapazes amigos dos manos. E já me esquècia da Miss Norman, por causa de quem iamos ficando sem almôço!
O projecto era almoçar na Quinta dos dos Britos, na Arrabida; para depois, pela tarde adeante, tomarmos chá no Casal das Rôlas, perto do Alfeite. Mas quando íamos a descer a serra, todos encaixados nos três automóveis (menos os rapazes que levavam as suas bicicletes) o carro da frente, onde ia a mãe Silveira, parou de repente: e os outros carros estacaram também, provocando empurrões... e gargalhadas, já se vê.
— O que é? — O que aconteceu? — O que seria? — é o que se ouvia por todos os lados. E ninguém explicava nada.
Afinal era a pobre mãe Silveira que estava enjoada! Foi preciso sental-a à beira da estrada, abanal-a, dar-lhe a cheirar o frasquinho de sais da Miss Norman! Éste atrazo foi bom para melhor gozarmos a beleza maravilhosa daquela vista! Ao longe, muito ao longe, via-se Lisboa, como num sonho...
Mas os rapazes (que não são nada contemplativos) impacientavam-se e mal disfarçavam essa impaciência! (eu até acho que foram impertinentes para a pobre D. Maria Silveira, que continuava, coitada, vêrde como um limão!).
Depois é que descobri a razão da pressa em que aquêles meninos estavam: queriam tomar banho no Portinho da Arrabida e já iam de «maillot» debaixo dos fatos!! Calaram-se muito calados: e quando chegámos ao Portinho surgiram aquêles figurões e saltaram para o mar como gafanhotos!
Nós pedimos à boa mãe Silveira e à Miss Norman que nos deixassem arranjar um barco para, ao menos, remarmos um bocado; mas viu-se que não havia tempo para essas fantasias. e seguimos a caminho dos «Platanos», deixando manos e amigos dentro de água.
O que nos esperava na Quinta dos Britos! Estavam todos esfomeados, positivamente; havia já 4 horas que se tinha engulido o almôço. Onde ia o café com leite! E ficámos espantadas quando, ao tocar a sineta do portão, ninguém apareceu. A Miss Norman bem gritava, com a sua voz de cana rachada:
— Ohh Simon! Ohh Marria Djosé!
Mas qual! nem o Simão, nem a Maria José abriam o portão.
O ladrar dos cães era assustador! Nessa altura apareceram os rapazes nas suas bicicletes.
— Então só agora é que chegaram?! — gritou o Gonçalo.
— Empadinhas! — troçou o Alexandre, sem o minimo respeito.
E até o José João, habitualmente tão delicado, exclamou, com ironia:
— Batem o record da molêza, meninas!
E o Manuel pendurou-se à corrente da sineta, provocando o ladrar ainda mais furioso dos cães.
(CONTINUA)

CHÁ DA COSTURA

— Venho fula, meninas! — exclamou a irascivel Joana.
— Explica porquê — disse Clara, calmamente.
— Porquê? Porque agora, com as novas exigências dos nossos superiores toda a caridade... vai acabar de vez!!!
— Que maluqueira é essa, Joana?! — gritou Alice, emquanto as outras variavam as exclamações de espanto e incompreensão.
— E' como lhes digo meninas — tornou Joana, menos excitada — Ainda hoje me disse o Sr. Padre Joaquim, a quem costumo confessar-me, que a caridade não deve ser exercida só pelas festas, pelos divertimentos, pelas representações.
Ora...
— Quanto eu compreendo isso, Joana! — disse Clara, convencida. — Que se faça uma ou outra festa de vez em quando para *ajudar* e *impulsionar* as Obras, ainda se entende; mas ser a caridade o «pretexto», como é tantas vezes, para as variadas festas e danças, é inadmissivel.
Joana exclamou:
— Sabes o resultado, Clara? Ninguém mais arranja dinheiro para as Obras. E sem dinheiro como hão-de manter-se? Sabes algum meio? Então diz! — Clara, cosendo activamente, tornou:
— Antes de mais nada, Joana, uma Obra Social não se improvisa *à tôa*, sem bases, sem organização, sem os elementos precisos para que tenha estabilidade.
— Ah, se tu ouvisses a tal russa do Estoril! — disse Joana, entusiasmada.
— Já a tenho ouvido; e nessas ocasiões foi a propósito de corridas de cavalos, ou do tango — não me lembro bem. Mas voltando às Obras Sociais, Joana, é tempo de as considerarmos *a sério*, com projectos firmes, realisaveis, duraveis!...
— Oh Clara — disse Maria José, de repente — que dizes tu à ideia de tentarmos a fundação duma Crêche na nossa Freguesia?
— Era tão bom... — murmurou Alice, pensativa.
— Sem festas de caridade não se pode — declarou Joana, categórica.
— Eu conheci uma tão alegre, tão bonita, tão útil... — disse Clara, recordando tempos passados.
— E então? O que foi feito dessa Crêche? — perguntou Joana.
— Cumpriu a sua missão durante 17 anos. Uma geração inteira. E muitas das petisas que lá entraram com um ano e depois frequentaram a Casa de Trabalho anexa, são hoje mulherzinhas sãs, de corpo e de espirito, que ganham a sua vida. A Obra acabou na terra onde estava instalada, por caso de fôrça maior; mas vai, se Deus o quiser, recomeçar a sua missão noutras paragens. Quem sabe? — e Clara calou-se.
— Que misteriosa, Clara! Ficamos sem saber onde era essa obra, em que terra, como funcionava... — disse Alice, admirada.

Clara voltou-se para ela e disse:
— Olha, Alice, nada disso importa. O que importa é, se vocês quizerem (mas olhem que é *querêr* em todo o sentido da palavra!) nós meteremos ombros à tarefa e conseguiremos *realizar* qualquer coisa de útil e prático para as crianças pobres; que dizem?
Um côro forte e cheio de sincero entusiasmo foi a resposta eloquente à pregunta de Clara.
Quando a gritaria abrandou, Clara disse:
— Vou estudar o ponto de vista *prático* do projecto; estabelecer bases, orçamentos, organização, e depois...
— Mãos à obra! — exclamou Maria José.
— Nem já posso pensar noutra coisa! — gritou Joana, largando o trabalho.
— Não, Joana, isso é que não está certo. Vai trabalhando *já* naquilo que é preciso agora! — tornou a boa Clara, sorrindo.

CARTA ÀS RAPARIGAS

NÃO gosto, queridas amiguinhas, que me tenham na conta de rabugenta, massadora, antiquada, impertinente... Se tal pensarem de mim e das minhas «Cartas», sinto um verdadeiro desgôsto: e, o que é pior, fico certa, certissima, de que falhei a *minha missão!* Mas pelo interêsse enorme e constante que me merecem as raparigas portuguesas de tôdas as classes e de tôdas as idades, eu não deixo nunca de lhes chamar a atenção para êsses mil «*nadas*» que tanta importância têm na felicidade. E creiam, queridas raparigas, a «felicidade» não vem *só* das circunstâncias em que cada uma de nós vive; há uma grande parte que depende de nós próprias. A felicidade *verdadeira* tanto pode vir na riqueza como na pobreza; na saúde como na doença; depende sobretudo, repito, da nossa alma, do nosso espirito, do nosso coração, da nossa consciência. Isto que parece uma contradição, um paradoxo, não o é, creiam. E desta afirmação posso dar-vos exemplos sem fim!
Assim, conheçi uma rapariga, rica e fidalga, a quem nada faltava em confôrto material: mas viveu paralizada num taboleiro durante os anos da sua mocidade. Como a sua alma era excepcional e elevadissima de que se lembrou? De aproveitar as horas, os dias, para se rodeiar de criancinhas a quem ensinava o que podia. A sua alegria ao ver o resultado das suas lições era incomensurável! e a adoração de que as crianças a rodeiavam dava-lhe uma felicidade imensa. Viveu feliz apesar da sua desgraça; e morreu como santa, deixando um rasto luminoso a envolver a sua memória...
O *bem cumprir* os deveres que nos competem é, sem dúvida, o grande segrêdo da felicidade. Sejam êsses deveres massadores, aborrecidos, fatigantes, quando acabamos de os cumprir e *bem*, sentimos a alma cheia de alegria pura! É a paz da consciência: nada existe no mundo de mais suave e delicioso do que ela!

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

PRIMAVERA

Chegou a primavera... Oh!... como tudo está belo, e como as avezinhas esvoaçam pelo céu, gorgeando docemente!

Tôda a natureza sofreu uma profunda transformação. As arvores, que o sombrio inverno despira completamente, começam a mostrar as seus pequeninos rebentos dum verde muito claro; alguma delas já estão tôdas floridas. E, como é belo!

Certas regiões do nosso País ficam tam lindas, tam lindas, que, ao contemplá-las, a nossa imaginação absorve-se nêste pensamento: — Como Portugal é todo formusura! Que Deus te proteja, continuando, como até aqui, a fazer-te uma terra de heróis e de santos!

Uma das mais graciosas paisagens portuguesas, durante a Primavera, é o Algarve com as suas amendoeiras em flor. Não deve haver no mundo panoramas mais dignos de serem passados para uma tela, do que os do Algarve. Todo vestido de branco, é semelhante a uma noiva que vai depôr aos pés da Virgem um lindo ramo de mimosas flores, e lhe pede que a abenção.

Que tu, Primavera, sejas portadora de muita felicidade e alegria para as nossas almas; que sejas uma fada priveligiada de dons sem igual, e que toques com a tua varinha a nossa querida Pátria! Que tragas a Paz do Senhor ao mundo envolto nesta guerra amargurada, e a conserves também no nosso bendito e querido Portugal!

Minervina de Oliveira Dias
Centro 1 ala 1 — Provincia do Douro Litoral
Filiada Nº. 35702

(No dia em que completei 14 anos)

...Nasceu um botão no meu jardim...

A primavera chegou, e com ela o mês mais bonito do ano. Maio veio dar vida à Natureza que estava adormecida, e, arrastando o seu fascinante manto tecido de luz, deixa que êle dê vida a uma flor, abra um botãozinho, fortaleça uma árvore, polvilhe um vale de florinhas, um monte de mimosas, perfume a aragem e alegre os ribeirinhos. Depois, dá mais fulgor aos raios de Sol, animação aos passarinhos, e até faz cintilar os olhos das raparigas.

Pois bem: numa dessas belas manhãs, em que o Sol doirado aparece de mansinho para nos acordar para o dia, a aragem é fresca e suave, e o Céu azul, Maio passou também pelo meu jardim, e quedou-se um momento, enquanto ia contando as minhas rosas: uma, duas, três... treze. Então, tirou um botão do seu manto e, pousando-o, desapareceu. Eu, ao ver no jardim a minha décima quarta rosa, pulei de contentamento. Mas eis que se me afigura esta frase na mente, fazendo-me pensar: «Cuida bem êsse botão, para que nêle não nasçam espinhos». Tornei a relembrá-la, e, afinal, já a vou compreendendo. Tenho de ser mais ajuïzada, e até na Mocidade já sou vanguardista.

Deus me ajude...

Maria de Lourdes Castro Inácio
Vanguardista n.º 35.500 — Centro n.º 24
Ala n.º 1 — Douro Litoral

PORTUGAL, A MINHA PATRIA

Oh Portugal, meu querido Portugal, terra de sonho, de beleza e amor, meu torrãozinho querido, onde vi, pela primeira vez, a luz do sol, tão belo e tão rútilo na minha terra.

Mas tu, meu Portugal, não és só êste torrãozinho querido, és tudo quanto há de mais belo e de mais nobre: a igreja da minha aldeia; o sino muito velhinho, mas que ainda toca alegremente convidando a gente honrada da minha terra a rezar; o sangue que me corre nas veias; a minha língua pura e suave; a religião cristã, a verdadeira e única fé; os campos verdejantes e floridos; as casinhas do nosso Minho, brancas, muito brancas como noivas ao luar; o mar imenso e grandioso que te beija suavemente. És, numa palavra, Único, Pátria abençoada por Deus, que te protege e acarinha; és o meu orgulho e de todos os que te possam devidamente apreciar.

Em ti nasceram, em ti viveram grandes homens: Camões, Nuno Álvares Pereira, Albuquerque, Pombal, Vasco da Gama, e tantos, tantos outros teus filhos, que quer longe, quer perto honraram e glorificaram o teu nome.

Impões respeito aos estrangeiros, e, em qualquer parte do mundo, sempre os portugueses foram bem olhados, porque são filhos de Portugal, pequeno cantinho florido, mas que se soube impor ao mundo com as suas façanhas.

Nunca um português teve de côrar por dizer: «sou português», mas sim orgulhar-se de o dizer, porque é uma honra sê-lo.

Por isso, quando alguém me pregunta de que nacionalidade sou, sinto a alma cheia de inefável prazer, e um estranho contentamento ao responder altiva e orgulhosa: «Sou Portuguesa».

Portugal, a minha Pátria estremecida, pequeno, muito pequenino para caber bem no meu coração, para que eu possa amá-lo, mas a-pesar-de pequeno, és grande para mim, meu Portugal, que em 1640, ressurgiste da lama, em que te afundavas, pelo valor, sempre único e coragem dos teus filhos.

O teu passado é uma página de feitos gloriosos sem rival.

Oh! Portugal, meu querido Portugal, se fôsse possível dizer quanto te amo, quanta veneração e estima tenho por ti, que feliz seria!...

No entanto todo o meu carinho se resume nestas palavras, ditas do coração, do fundo da alma, espontâneas,

— Portugal é a minha Pátria. Sou Portuguesa!

Dulce Gonçalves de Freitas
Filiada do Centro n.º 24
Ala n.º 1 — Douro Litoral — Pôrto

CONVERSANDO...

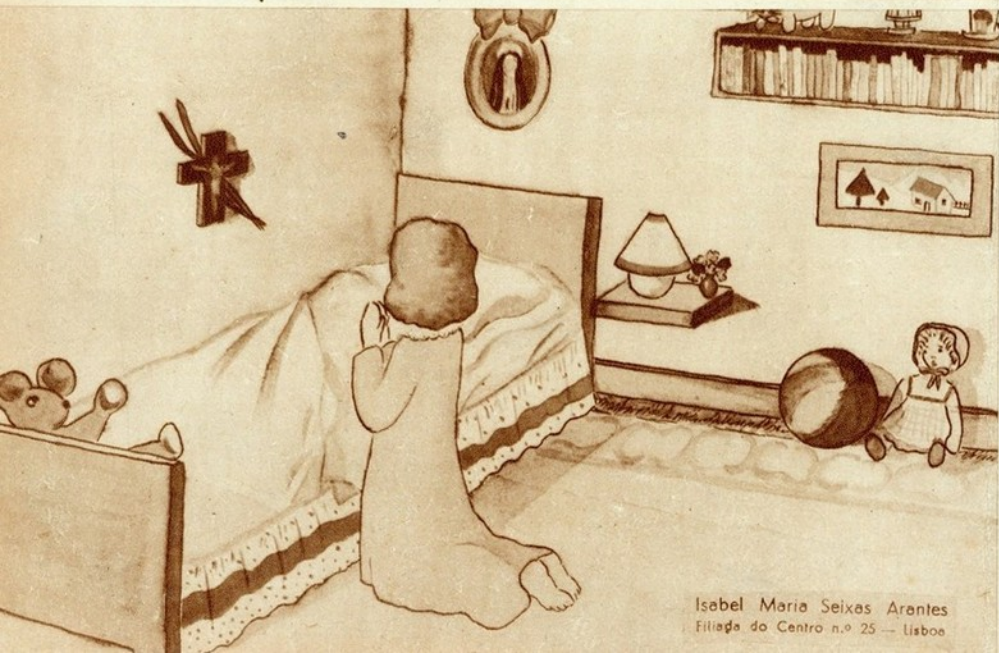
O lápis e a borracha

Soaram os três quartos para as 9 h. Uma mão apressada pega na pasta que se encontrava sôbre uma cadeira. A mala, com todo o seu conteúdo dá um solavanco. Dentro ouve-se chocalhar qualquer coisa. Era uma caixa, que continha um lápis e uma borracha. Êstes, impulsionados por aquela fôrça que os sacode, parecem despertar do letargo em que estavam, e sentem que são levados. Vão a caminho do liceu. Como sabem que o percurso é um pouco longo resolvem conversar para se entreter o tempo. E diz a borracha: — Dia a dia vou perdendo um pouco do meu corpo. Estou quási reduzida a metade do que fui. Mas é com saüdade e não com zanga que vejo separarem-se de mim, quando apagam qualquer coisa, as partículas que formam o meu todo. Sei que nasci para isto!... Que seria de muitos trabalhos se não fôsse eu?... Estragar-se-ia muito mais papel se eu não existisse.

O lápis que tem estado a ouvir todo aquêle monólogo com um sorriso de ironia, responde-lhe: — Ou você não fôsse mulher! Tôdas têm o costume de dar à língua! Aqui estou eu com muito mais razões de me queixar. Senão veja. Para que serviria você se não fôsse eu? Sim, diga! Para nada. Ora já vê que o meu trabalho tem mais merecimento que o seu. Quantos e quantos trabalhos se fazem comigo, sem que você entre nêles! Quando me afiam o bico fico triste, porque é mais um bocado de mim mesmo que se vai; mas penso: Talvez seja para arquivar uma idea importante, para escrever um discurso brilhante, algum trabalho científico que vou tornar conhecido; e isto consola-me e sinto-me orgulhoso.

— Mas, meus amigos — diz a caixa que tem estado a ouvi-los sem abrir a bôca — ambos têm serventia. Cada qual na posição que ocupa, na função que desempenha. Não acho motivos para questionarem! Deviam, até, ser muitos amigos, porque estão ligados por laços de trabalho. Cada qual trabalha no interêsse comum. A borracha apaga o que o lápis fêz mal. O lápis emenda o que a borracha apagou. Cada um para o que nasceu. Cada qual deve trabalhar por um ideal. A vontade de bem servir acima de tudo, num esfôrço unânime, numa vontade firme de contribuírem para a prosperidade colectiva.

Calaram-se. Uma mão ágil puxa a caixa para fora da pasta, abre-a e pega no lápis e na borracha. Vai começar a faina diária. O lápis e a borracha sorriem já um para o outro. Compreenderam a lição que a caixa lhes dera e tentam segui-la. Hão-de conseguir.

Maria Ivone de Sales Bentes
Vanguardista do Centro n.º 1 do Liceu João de Deus — Faro

Isabel Maria Seixas Arantes
Filiada do Centro n.º 25 — Lisboa